

Ficha de Inventário (Anexo I)

I. Identificação

1. Domínio: Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo

2. Categoria: Agricultura e silvicultura

3. Denominação: A transumância da Serra da Estrela

4. Outras denominações:

5. Contexto tipológico: Prática pastoril de montanha cíclica para superar os desafios da orografia e assegurar segurança alimentar e bem-estar social através da mobilidade sazonal e vertical do gado. A transumância da Serra da Estrela é a última ainda ativa de forma comunitária no país. Ela se diferencia da prática das brandas de verão das serras da Peneda e do Gerês, caracterizada pela translação completa da exploração pastoril e residência da família para formar pequenos núcleos de povoamento em altitude durante o período estival.

6. Contexto de produção

6.1. Contexto social

6.1.1. Comunidade(s): A comunidade transumante é composta de pastores e seus núcleos familiares. Pastores são os guardadores de rebanhos. Eles são responsáveis pelo cuidado e o manejo dos animais, assim como pela gestão das pastagens. Hoje, os pastores transumantes da Serra da Estrela são também criadores, ou seja, proprietários de seus rebanhos.

Os pastores transumantes são principalmente homens; menos de cinco mulheres pastoras praticam a transumância com alguma regularidade na Serra da Estrela. As mulheres, contudo, desempenham um papel crucial na continuidade da prática. Elas são responsáveis por manter em funcionamento a casa e a exploração durante a transumância. Mulheres também cuidam do fabrico do queijo doméstico artesanal quando é o caso. Pais, filhos, empregados e aprendizes completam essa comunidade.

Os pastores transumantes se dedicam à atividade pastoril ao longo do ano. Eles residem essencialmente em Seia, Gouveia, Covilhã ou Manteigas. A maioria descende de

famílias que praticam a transumância desde gerações na Serra da Estrela. Os outros que não possuem uma ligação familiar direta com a transumância são, contudo, oriundos da região e cresceram em contacto com os animais. Embora a comunidade pastoril seja envelhecida, a faixa etária média dos pastores transumantes se situa entre 40 e 60 anos pois a permanência na serra exige saúde e condição física.

A transumância pode envolver ao todo uns 30 a 50 pastores anualmente, para além de familiares, amigos, empregados e aprendizes.

6.1.2. Grupos: Grupos transumantes são constituídos por pastores que agregam seus rebanhos individuais para a transumância. Um dos pastores exerce a função de agregador com a responsabilidade de gerenciar o rebanho coletivo. A função é delegada àquele que possui mais prática e experiência da serra, o maior rebanho ou que simplesmente se voluntaria. Não há princípios pré-estabelecidos ou práticas costumeiras; os grupos são formados e regidos por arranjos informais flexíveis. A confiança representa o cimento social do grupo e por isso os grupos transumantes são estabelecidos a partir de laços familiares e relações de amizade fortes.

Seia é o principal foco; há uns sete grupos transumantes ativos que reúnem aproximadamente 20 pastores para quase quatro mil animais. Em Gouveia, há dois grupos ativos que reúnem cerca de seis pastores e mais de mil animais. Na Covilhã, encontramos três grupos que reúnem cerca de seis pastores para 300 animais. Em Manteigas, por fim, há uma família que ainda pratica uma transumância de inverno. É importante destacar a presença de um rebanho de Oliveira do Hospital que pratica a transumância associado a um grupo de Seia.

Há pastores que praticam a transumância individualmente e não pertencem a grupos transumantes.

6.1.3. Indivíduo(s):

6.2. Contexto territorial

6.2.1. Local: a transumância é uma forma de pastoreio extensivo que possui mobilidade não fixa por canadas, terras e baldios de múltiplas localidades.

6.2.2. Freguesia: As principais freguesias de origem, passagem e destino da transumância são Erada, Verdelhos, Cortes do Meio, Unhais da Serra e Vila do Carvalho (Covilhã); Vila Nova de Tazem, Moimenta da Serra, Mangualde da Serra, Aldeias, São Pedro e

Folgosinho (Gouveia); São Pedro, Santa Maria e Vale de Amoreira (Manteigas); Sabugueiro, São Martinho, Seia, Loriga, Alvoco da Serra, Santiago, Paranhos, Tourais e Valezim (Seia).

6.2.3. Municípios: Covilhã, Gouveia, Manteigas e Seia.

6.2.4. Distrito: Castelo Branco e Guarda

6.2.5. País: Portugal

6.2.6. NUTS II: Centro

6.2.7 NUTS III: Beiras e Serra da Estrela

6.3. Contexto temporal

6.3.1. Periodicidade: A transumância é uma prática cíclica de verão.

6.3.2. Data(s): A transumância não possui datas fixas. Ela depende da decisão do pastor e de seus animais com relação ao clima e à qualidade das pastagens. Ela pode também ser decidida coletivamente pela comunidade ou pelos grupos transumantes. Sua amplitude máxima costuma ser de junho a outubro.

7. Caracterização

7.1. Caracterização síntese:

O termo transumância deriva do latim “trans” (através) e “húmus” (terra), ou seja, atravessar as terras. Ele se refere a um sistema de mobilidade cíclica e sazonal de rebanhos, guiados por pastores, entre diferentes terras de pastagens. A transumância da Serra da Estrela é vertical e essencialmente de verão. Ela é tecnicamente conhecida como *transterminância*. Esta prática refere-se ao deslocamento do rebanho para os termos de um território contíguo dentro de uma mesma região geográfica. Na Serra da Estrela, ela se caracteriza por um movimento inferior a 50 quilómetros entre uma freguesia ou um município de sopé de serra e outro em altitude. Este movimento se dá principalmente no Parque Natural da Serra da Estrela e envolve ovinos e caprinos de raças autóctones.

A transumância continua ativa na metade centro-sul da Serra da Estrela nos municípios de Seia, Gouveia, Manteigas e Covilhã. Ela está pautada por quatro momentos principais: as romarias, a subida, a estada na serra e a descida. As romarias são celebrações religiosas de bênção do gado que marcam o início do ciclo da transumância. A subida é o momento de partida de pastores e rebanhos transumantes para o alto da serra. Ela pode durar até dois dias de caminhada e alcançar 40 quilómetros. O percurso se faz principalmente por veredas e canadas.

A transumância pode ser coletiva ou individual. Há pastor que a praticam apenas com seu rebanho e outros que decidem juntar-se em grupos para formar um rebanho coletivo. Não

há princípios pré-estabelecidos ou práticas costumeiras para o estabelecimento dos grupos transumantes. Eles são formados e regidos por arranjos informais flexíveis. A confiança representa o cimento social e por isso os grupos são estabelecidos a partir de laços familiares e relações de amizade fortes.

A subida, contudo, é sempre operada de forma colegial. A presença de todos os pastores, muitas vezes também de familiares, amigos, empregados e aprendizes, é necessária para guiar tantos animais. O caminho comporta perigos, possíveis conflitos com habitantes e riscos de lesões e ferimentos tanto para os rebanhos quanto para transeuntes desatentos.

A permanência dos rebanhos e pastores na serra durante o verão é o período mais importante da transumância. Os rebanhos geralmente ficam de 10 a 40 dias, mas alguns podem seguir por até quatro meses. As principais áreas de pastagens em altitude são a Senhora do Espinheiro, o Vale do Rossim, a Lagoa Comprida, a Nave de Santo António, as Penhas da Saúde e a Torre.

Os rebanhos são geralmente cuidados por apenas um pastor. Este pode permanecer na serra o período completo da transumância ou se revezar com outros pastores no caso de rebanhos coletivos. Alguns grupos transumantes privilegiam a permanência na serra em pequenas turmas que se revezam alternativamente para evitar longos períodos de isolamento.

A decisão de encerrar o ciclo da transumância com a descida dos rebanhos depende do período das parições, da qualidade do pasto, das condições climáticas e das obrigações profissionais e familiares de cada pastor. As descidas são efetuadas sem grande alarde. Grupos transumantes organizam-na coletivamente para evitar os mesmos perigos, riscos e dificuldades da subida, mas sem festas públicas ou celebrações, apenas convívios particulares com famílias e amigos.

Pastores consideram a transumância necessária; ela contribui para o bem-estar dos animais e vitalidade dos solos. Animais desfrutam na altitude de temperaturas mais amenas, pastagens mais frescas, água mais pura e ar mais limpo do que nas pastagens do sopé de serra. As terras baixas, enquanto isso, podem descansar ou ser lavradas. A vegetação se regenera e os solos são preservados. A transumância é assim uma forma de ritual cíclico de purificação dos animais e regeneração dos solos.

A transumância envolve uns 30 a 50 pastores anualmente, para além de familiares, amigos, empregados e aprendizes. Os pastores transumantes são principalmente homens, que se dedicam à atividade pastoril ao longo do ano, enquanto menos de cinco mulheres pastoras praticam a transumância com alguma regularidade na Serra da Estrela. Embora a comunidade pastoril seja envelhecida, a faixa etária média dos pastores transumantes se situa entre 40 e 60 anos.

7.2. Caracterização desenvolvida:

O termo transumância deriva do latim “trans” (através) e “húmus” (terra), ou seja, atravessar as terras. Ele se refere a um sistema de mobilidade cíclica e sazonal de rebanhos, guiados por pastores, entre diferentes terras de pastagens. A transumância pode ser vertical, entre terras baixas e altas, ou horizontal; ela pode ocorrer no momento estival ou hibernal.

A transumância atual da Serra da Estrela é vertical e essencialmente de verão. Ela é tecnicamente conhecida como *transterminância*. Esta prática é um subtipo de transumância. Ela refere-se ao deslocamento do rebanho para os termos de um território contíguo dentro de uma mesma região geográfica. Muitas vezes a *transterminância* ocorre entre as zonas baixas e altas da mesma cadeia montanhosa. Na Serra da Estrela, ela se caracteriza por um movimento inferior a 50 quilómetros entre uma freguesia ou um município de sopé de serra e outro em altitude. Este movimento se dá principalmente na paisagem protegida do Parque Natural da Serra da Estrela e envolve ovinos e caprinos de raças autóctones, maioritariamente. A *transterminância* da Serra da Estrela pertence ao universo das transumâncias praticadas ao redor do globo; todas conectadas pelas dimensões de mobilidade, sazonalidade, intimidade com a paisagem e cumplicidade com os animais.

O PARQUE NATURAL DA SERRA DA ESTRELA

A Serra da Estrela é uma elevação granítica e xística, situada na região Centro de Portugal, que se estende entre os distritos de Guarda e Castelo Branco. Ela se encontra na extremidade ocidental da cordilheira do Sistema Central da Península ibérica, entre a Penha de França espanhola e a Serra do Açor portuguesa. O Alto da Torre é o seu pico. Ele atinge 1993 metros de altitude e representa o ponto mais alto de Portugal Continental. A serra dá origem e é cortada por três vias de água principais, os rios Alva, Mondego e Zêzere, e possui dois extensos planaltos separados pelos vales do Zêzere e de Alforfa: o Planalto de Penhas Douradas-Torre (Planalto Superior), situado a ocidente, o de Poios Brancos-Curral do Vento-Alto da Pedrice, situado a oriente.

O território da Serra da Estrela alberga uma grande variedade de paisagens em suas diferentes altitudes. A faixa basilar de sopé de serra aos 900 metros de altitude possui um clima mais quente e seco de tipo meso-mediterrânico. Ela é composta de uma paisagem agrícola tradicional de socalcos encaixados em vales fluviais. A faixa intermédia, que se eleva até aos 1600 metros de altitude, está sujeita a um clima supra-temperado. Nela encontram-se soutos e carvalhais, além de lagoas em estado natural. Essas lagoas de altitude têm grande importância para a conservação de habitats e reservas de água doce, à imagem da Lagoa Comprida de 800 mil metros quadrados. Esta constitui o principal reservatório de água da Serra da Estrela, além de acolher uma barragem hidroelétrica desde 1958. A faixa superior possui um clima subalpino. As temperaturas são mais baixas, inclusive no verão, e o tempo mais húmido.

Essa diversidade de ecossistemas levou à classificação de grande parte do território da Serra da Estrela como Parque Natural em 1976. A área do Parque se estende atualmente por 88.850 hectares e inclui demais demarcações de conservação ambiental concedidas em décadas seguintes. O planalto acima dos 1600 metros foi constituído em Reserva Biogenética em 1993, a área do Parque foi integrada à Rede Natura 2000 como Sítio de Interesse Comunitário em 2000 e, em 2005, as zonas húmidas das lagoas e turfeiras de origem glaciária foram consideradas Zona Húmida de Importância Internacional no âmbito da Convenção Ramsar.

Encontramos nesses diferentes ecossistemas um quarto da fito-diversidade nacional com 900 espécies de plantas, duas mil espécies de invertebrados e 200 espécies de vertebrados. As principais formações vegetais são comunidades ribeirinhas (e.g., salgueiros e amieiros), matos (e.g., giestas, urzes e sargaços) e áreas florestais (e.g., pinheiros-bravos, castanheiros, videiros, cerejeiras-bravas, carvalhos, sobreiros e medronheiros), enquanto a fauna silvestre inclui mamíferos (e.g., gato-bravo e toupeira-de-água), aves (e.g., tartaranhão-caçador, noitibó-cinzento e petinha-dos-campos) e anfíbios (e.g., tritão-de-ventre-laranja, rã-ibérica e víbora-cornuda).

A PRÁTICA DA TRANSUMÂNCIA

A transumância continua ativa na metade centro-sul da Serra da Estrela, território dos municípios de Seia, Gouveia, Manteigas e Covilhã. A prática está pautada por quatro momentos principais, as romarias, a subida, a serra e a descida, e culmina com a permanência dos rebanhos e pastores na serra durante o período do verão.

AS ROMARIAS

As romarias são celebrações religiosas de bênção do gado que marcam o início do ciclo da transumância. Elas costumam decorrer de abril a junho. Pastores a pé conduzem seus rebanhos de pequenos ruminantes aos locais de celebração, marcados pela presença de igrejas ou capelas com significado para a história pastoril. Espera-se dos rebanhos que deem três voltas ao redor da igreja ou da capela, enquanto são abençoados pelo sacerdote local.

Os animais costumam estar engalanados. Eles carregam “loiças”, que são chocalhos e campainhas de grande dimensão específicos para as romarias, e borlas coloridas. Os bodes costumam levar as maiores loiças e tradicionalmente têm seus chifres completamente adornados de pompons. Muitos pastores de ovelhas confessam também criar bodes para participar na celebração.

As romarias mais conhecidas são as de Folgosa da Madalena, no concelho de Seia, e de São Geraldo, no concelho de Tábua, distrito de Coimbra. As romarias existem ou existiram em todas as regiões adjacentes à Serra da Estrela que recebia seus rebanhos durante a transumância de verão.

A romaria de Folgosa da Madalena tem lugar durante a festa de São João. A bênção do rebanho ocorre ao redor da capela de São João Batista. A romaria de São Geraldo acontece no segundo fim-de-semana de abril. Ela dura dois dias. O sábado é dedicado à preparação da aldeia para o baile e o domingo acolhe a bênção dos rebanhos na capela de São Geraldo. Ambas as romarias são acompanhadas de animações musicais e folclóricas.

As romarias oferecem uma oportunidade para os pastores se encontrarem, compartilharem experiências e celebrarem juntos com o intuito de reforçar os laços comunitários. Elas juntam tanto pastores transumantes como sedentários, mas que mantêm a tradição da bênção do gado. Membros da comunidade e turistas completam o público dessas celebrações.

Outras romarias de expressão são as de:

- Arcozelo da Serra (Gouveia)
- Fernão Joanes (Guarda)
- Fiães da Telha (Trancoso)
- Figueiró da Serra (Gouveia)
- Mesquitela (Celorico da Beira)
- Miguel Choco (Trancoso)
- Outeiro de Espinho (Mangualde)
- Peva (Moimenta da Beira)
- Prados (Celorico da Beira)
- Ranhados (Mêda)
- São Cosmado (Mangualde)
- Silvares (Santa Comba Dão)
- Vila Franca da Serra (Gouveia)
- Vila Soeiro da Serra (Fornos de Algodres)

SUBIDA À SERRA

A subida é o momento de partida de pastores e rebanhos transumantes para o alto da serra. A data de subida pode ser institucionalmente concertada ou consoante o clima e o comportamento animal. Há pastores que sobem juntos e outros por conta própria.

A Câmara Municipal de Seia organiza a Festa da Transumância e dos Pastores no começo do mês de julho. O evento festivo celebra a subida dos pastores à serra. A data do evento é fruto de uma concertação entre os pastores participantes e a Câmara Municipal em um esforço de equilíbrio entre as exigências pastoris e a recreação.

A Festa reúne duas quinzenas de pastores e uns três mil animais, sob o olhar atento de visitantes, para um percurso pedestre de seis quilómetros. O trajeto tem início no centro histórico da cidade de Seia, pela parte da manhã, e termina na Senhora do Espinheiro, a mil

metros de altitude, com um almoço coletivo. Os pastores dividem-se depois entre os que seguem até ao Sabugueiro, antes de dirigirem-se às suas pastagens de verão respetivas, os que permanecem na região da Senhora do Espinheiro e os que apenas participam na celebração e retornam para Seia. Os visitantes têm a possibilidade de continuar de autocarro por mais três quilómetros até ao Sabugueiro. Um dos momentos-chave da Festa tem lugar na véspera da subida quando todos os rebanhos se reúnem para pernoitar nas campinas de Seia. O momento oferece um espetáculo auditivo único de chocalhos e balidos.

Nem todos os pastores transumantes de Seia participam na Festa. Alguns optam por uma abordagem mais tradicional da subida à serra, à imagem dos pastores transumantes de Gouveia, da Covilhã e de Manteigas. A decisão de iniciar a transumância reside na observação da paisagem e dos animais. Conforme o tempo aquece e o pasto rareia, os animais começam naturalmente a levantar a cabeça à procura de temperaturas mais amenas e pasto mais fresco. Mantê-los nas partes baixas se torna mais difícil; os animais puxam cada vez mais para o alto até o pastor julgar ser o momento propício de subir, geralmente no decorrer do mês de junho.

A subida à serra pode durar até dois dias de caminhada e alcançar 40 quilómetros a depender das transumâncias individuais. O percurso com os rebanhos se faz principalmente por veredas e canadas, vias pecuárias milenares. As veredas são os caminhos pastoris pelos baldios, terras comunitárias tradicionalmente destinadas à apascentação do gado e culturas de sequeiro. As canadas são as vias por entre parcelas privadas que permitem a circulação dos rebanhos sem danificar as culturas. A rede de canadas é historicamente extensa e transfronteiriça.

A transumância pode ser coletiva ou individual. Há pastores que sobem a serra apenas com seu rebanho e outros que decidem juntar-se para formar um rebanho coletivo. Nesse caso, um dos pastores exerce a função de agregador com a responsabilidade de gerenciar o rebanho coletivo que chega às vezes a mais de mil animais. A subida, contudo, é sempre operada de forma colegial. A presença de todos os pastores, mas muitas vezes também de familiares, amigos, empregados e aprendizes, é necessária para guiar tantos animais. O caminho comporta perigos, como estradas, possíveis conflitos com habitantes devido a não desejadas invasões de hortas e propriedades particulares pelos animais, riscos de lesões e ferimentos tanto para os rebanhos quanto para transeuntes desatentos, especialmente por causa de cães, além do risco de que alguns animais se percam.

Os animais dos rebanhos coletivos portam chavelhas identificadoras ou são marcados à tinta lavável com as iniciais dos proprietários para facilitar a distinção. Alguns pastores preferem usar iniciais de antepassados, como os avós, para indicar uma continuidade familiar.

A ESTADA NA SERRA

As pastagens de verão ocupam a faixa intermédia e superior da Serra da Estrela. As principais áreas de pastagens são a Senhora do Espinheiro, o Vale do Rossim, a Lagoa Comprida, a Nave de Santo António, as Penhas da Saúde e a Torre.

As pastagens da Senhora do Espinheiro encontram-se no território do concelho de Seia. Elas são comparativamente de baixa altitude com uma elevação média de mil metros. Destino de rebanhos de Seia, essa área possui um alto interesse ambiental em matéria de gestão de combustível. Ela é essencialmente composta de um cordão de giestas, um conjunto arbustivo altamente inflamável, à proximidade de aldeias e habitações. A presença dos rebanhos de Seia na Senhora do Espinheiro contribui para a prevenção dos fogos e a proteção das aldeias.

O Vale do Rossim é uma região essencialmente húmida e florestal. Seu sistema hídrico inclui a nascente do rio Mondego (o Mondeguinho) e uma lagoa artificial de cunho hidroelétrico. A região está inserida no coração da reserva biogenética do planalto superior, no limite dos concelhos de Seia, Gouveia e Manteigas. O Vale do Rossim oferece pastagens em áreas adjacentes que chegam a 1500 metros de altitude. Rebanhos dos três concelhos distribuem-se em torno do Vale do Rossim para ocupar as Penhas Douradas, o Vale das Éguas e o Vale de Perdiz.

A Lagoa Comprida oferece em seu perímetro um planalto com pastagens a 1600 metros de altitude. Situada no concelho de Seia, ela recebe rebanhos desse município que a consideram como o “paraíso das ovelhas”. Os rebanhos de Seia que frequentam a Lagoa Comprida costumam progressivamente migrar entre as áreas cercanas à procura de prados mais frescos ao longo do verão. As principais áreas ocupadas são a Garganta de Loriga, o Cucharil, o Vale do Conde, a Fonte dos Perus, onde acampou a expedição científica à Serra da Estrela de 1881, e a Lagoa Seca.

A Nave de Santo António encontra-se no território do concelho de Manteigas. Ela é uma depressão de origem glacial situada entre a Torre e os Piornos a 1500 metros de altitude. Ela é o destino de pastores do concelho da Covilhã, à procura de seus extensos pastos de cervum. Gramínea perene de altitude, o cervum tem um desenvolvimento tardio e oferece assim pastagens frescas durante o verão quando os demais pastos começam a secar. O cervum é tradicionalmente considerado a melhor pastagem para a produção de leite destinado ao fabrico do Queijo Serra da Estrela. Ele também desempenha um papel ambiental importante na manutenção da biodiversidade edáfica em altitude e retenção de água no solo.

As Penhas da Saúde encontram-se no território do concelho da Covilhã a 1500 metros de altitude. As pastagens estão situadas à proximidade do povoamento e do lago do Viriato para maior comodidade. Elas são o destino de pastores do concelho da Covilhã.

Enfim, a Torre situa-se na confluência dos concelhos de Manteigas, Covilhã e Seia. Ela acolhe rebanhos desses dois últimos concelhos à procura do frescor de suas pastagens de alta altitude.

A tradição levava pastores a privilegiar as áreas que se encontram nos termos de suas freguesias ou, em menor medida, de seus municípios. As zonas de pasto eram antigamente escassas, devido a um elevado número de rebanhos e ocupação das terras aráveis por sementeiras. Os direitos de apascentação eram assim reservados aos rebanhos locais.

A escolha entre essas diferentes zonas resulta hoje de uma decisão pessoal de cada pastor ou grupo de pastores associados, baseada na acessibilidade, tradição local e gestão das pastagens. A acessibilidade está sujeita às ligações permitidas pelas redes de canadas e veredas entre as zonas de origem dos rebanhos e as pastagens de verão. Ela depende dos destinos possíveis, consoante a distância a percorrer e a transitabilidade das vias que recebem pouca manutenção.

Por fim, essa separação por zonas representa uma forma espontânea de autoexclusão entre os diferentes pastores transumantes. Ela permite reduzir a competição entre os rebanhos para garantir a sustentabilidade dos pastos e equidade no acesso aos recursos.

As zonas frequentadas são previamente negociadas com os devidos proprietários. Elas costumam pertencer a baldios geridos por conselhos diretivos ou juntas de freguesia. As negociações podem ser informais ou envolver contratualização com contrapartida monetária. Os baldios tendem a receber positivamente as solicitações dos pastores, inclusive quando provenientes de outros concelhos. O despovoamento levou ao abandono dos cultivos e pastoreio na maioria desses territórios e a presença dos rebanhos transumantes contribui para a limpeza dos terrenos e a prevenção dos incêndios.

Alguns pastores transumantes não organizam a permanência nos baldios de maneira antecipada. Eles desenvolvem um sistema de pastoreio itinerante. Conflitos surgem quando sem encontram com rebanhos já estabelecidos no local e a mediação dos responsáveis dos baldios pode ser solicitada para a resolução da disputa.

Os rebanhos transumantes aproveitam pastagens artificiais, semiartificiais e naturais. As pastagens artificiais são semeadas pelos pastores antes do período da transumância. Os terrenos são limpos, preparados e estrumados para o plantio. O centeio, o trigo e a aveia são as principais culturas realizadas. As pastagens semiartificiais resultam da persistência de espécies forrageiras de antigas sementeiras abandonadas. Elas continuam a se regenerar naturalmente, embora de forma mais esparsa na paisagem. Enfim, as pastagens naturais são constituídas pela vegetação silvestre espontânea, incluindo o já mencionado cervum, abundante nas zonas húmidas de altitude da Serra da Estrela.

Os rebanhos são geralmente cuidados por apenas um pastor. Este pode permanecer na serra o período completo da transumância ou se revezar com outros pastores no caso de rebanhos

coletivos. A antiga prática da vezeira calcada na dimensão dos rebanhos individuais dentro dos rebanhos coletivos não se encontra mais em aplicação. Cada grupo de pastores instaura suas regras de revezamento quando é o caso. Alguns privilegiam a permanência na serra em pequenas turmas que se revezam alternativamente para evitar longos períodos de isolamento.

Os pastores permanecem os dias socialmente isolados a cuidar de seus rebanhos. A solidão é apenas interrompida quando recebem visitas de amigos e familiares, ou nos momentos de convívio organizados ocasionalmente à noite. O principal convívio acontece tradicionalmente no dia 15 de agosto na Torre. Pastores transumantes do concelho da Covilhã organizam a Festa do Pastor, uma grande refeição à qual são convidados os pastores transumantes dos outros concelhos.

Contudo, a maioria das noites é passada ao som da natureza noturna. Pastores costumam dormir em abrigos móveis previamente instalados. Os abrigos podem ser roulottes, barracas de chapa, tendas ou cortes cobertas. Muitos dormem ao ar livre à luz das estrelas quando o tempo é bom. Os antigos abrigos pastoris estão geralmente ao abandono e não possuem as condições de salubridade necessárias para receber pessoas.

O tempo prolongado passado na serra outorga aos pastores um conhecimento íntimo dessa paisagem. Muitos afirmam conhecer a serra como a palma da mão e são os primeiros a poder orientar turistas perdidos pelos trilhos e caminhos. Esse conhecimento íntimo é imprescindível para tornar a estada segura durante a transumância. O clima da Serra da Estrela é traiçoeiro; ele está sujeito a mudanças abruptas com tempestades e nevoeiros.

A DESCIDA

A decisão de encerrar a transumância e retornar aos locais de origem é tomada progressivamente pelos pastores ao longo do verão. Há rebanhos que permanecem 10 dias na serra, outros 40 dias e alguns podem passar até quatro meses. A decisão está baseada em critérios como período das parições, qualidade do pasto, clima e obrigações profissionais e familiares dos pastores.

Os pastores que passam mais tempo na serra costumam orientar-se pelo clima e o comportamento animal. O término do verão e aproximação do outono trazem noites longas e frias. Há nevoeiros e chuvas frequentes e os animais começam a ficar agitados. Eles acabam por demonstrar resistência em continuar no alto da serra e a puxar para baixo. Os animais conhecem o caminho de volta e é quando o pastor toma a decisão de partir.

As descidas são efetuadas sem grande alarde, salvo em Vila Nova de Tazem (Gouveia). A comunidade local organiza uma grande celebração para acolher de volta seus rebanhos transumantes. Os animais são preparados pelos pastores na manhã da partida. Eles são enfeitados com berloques e pompons, como durante as romarias. Depois do almoço, os pastores orientam os rebanhos para descer. Os animais costumam correr e batedores

monitorizam que nenhum fique para trás. Turistas são bem-vindos durante a descida que dura cerca de seis horas. Os outros grupos transumantes também organizam a descida coletivamente para evitar os mesmos perigos, riscos e dificuldades da subida, mas sem festas públicas ou celebrações, apenas convívios particulares com famílias e amigos.

O GADO E A TRANSUMÂNCIA

Os pequenos ruminantes são os principais animais transumantes. As raças autóctones do território da Serra da Estrela são privilegiadas pelos pastores para a transumância, pois elas são as mais adaptadas à paisagem. Raças autóctones resultam de processos evolutivos longos, dirigidos pelas condições socioambientais locais. A Serra da Estrela possui duas raças autóctones de ovinos e uma de caprinos: Bordaleira Serra da Estrela e Churra Mondegueira, para os ovinos, e a Cabra Serrana, ecótipos Serra da Estrela e Jarmelista, para os caprinos. Elas são todas resilientes às grandes amplitudes climáticas que imperam na Serra da Estrela.

A Bordaleira Serra da Estrela, também conhecida como ovino Serra da Estrela, é uma evolução da domesticação do Muflão Europeu, ovino selvagem da Península Ibérica. Sua vocação foi lanígera, durante muitos séculos, e ela é hoje principalmente explorada na sua vertente leiteira. Ela pode ser branca ou preta com um velo pouco extenso. Ela possui cornos espiralados e rugosos.

A Churra Mondegueira é uma das raças mais primitivas da Península Ibérica. Ela é um ovino leiteiro, caracterizado pela sua robustez e rusticidade. Ela está mais localizada no sopé norte da Serra da Estrela, como nos concelhos de Celorico da Beira e Guarda. Sua cor é branca, mas pode apresentar pigmentação colorida em torno dos olhos, orelhas e extremidades. Seus cornos são também espiralados e rugosos.

A Cabra Serrana possui quatro ecótipos disseminados pelas serras do Centro e do Norte do país: o Transmontano, o Jarmelista, o Ribatejano e o da Serra da Estrela. A Cabra Serrana é uma evolução da domesticação da Cabra dos Pirinéus, raça caprina selvagem da Península Ibérica. Ela é a única raça caprina portuguesa de pelos longos e os animais podem ser cornudos ou mochos. O ecótipo da Serra da Estrela apresenta uma pelagem preta e o Jarmelista, castanha. As Jarmelistas também podem apresentar duas listas castanhas claras na face. A Cabra Serrana é principalmente explorada na vertente leiteira.

A Churra Mondegueira e a Cabra Serrana dos ecótipos Jarmelista e Serra da Estrela estão seriamente ameaçadas de extinção. Os livros genealógicos contam poucos animais registados e o risco de desaparecimento é real. A Bordaleira Serra da Estrela, em compensação, tem conhecido uma evolução positiva de seus efetivos, devido à valorização do Queijo Serra da Estrela nos últimos anos.

Os rebanhos costumam ser homogéneos em espécies e raças. Os rebanhos de Bordaleiras Serra da Estrela estão mais localizados na metade sudoeste da Serra da Estrela (Seia, Gouveia e Manteigas), os de Churras Mondegueiras, na metade norte (Celorico da Beira e

Guarda), e os de Cabras Serranas na metade sudeste (Covilhã). Essa distribuição está ligada a questões culturais, mas também climáticas. A metade sudoeste possui uma vegetação mais exuberante, do que a metade sudeste agreste, por estar exposta a ventos marítimos mais húmidos.

Rebanhos de ovinos, contudo, costumam possuir algumas cabeças de caprinos. As cabras facilitam o manejo dos ovinos por serem mais rápidas e puxarem o rebanho para a frente. Essa habilidade é valiosa durante a transumância, pois ajuda a manter os rebanhos mais compactos nos caminhos. As cabras também são usadas como amas de leite para os borregos rejeitados pelas mães. Ao contrário das ovelhas, as cabras são mais tolerantes em relação à amamentação de crias, mesmo quando não são suas e pertencem a outra espécie. O leite de cabra é também importante para o fabrico artesanal do queijo da Serra da Estrela. Tradicionalmente, o queijo amanteigado é composto de dois terços de leite ovino e um terço de leite caprino. Os rebanhos de ovinos com produção caseira de queijo mantêm assim caprinos misturados para dar continuidade ao fabrico tradicional do queijo amanteigado da Serra da Estrela. Por fim, os pastores apreciam a presença de chibos nos rebanhos de ovinos para a participação nas romarias.

Do mesmo modo, rebanhos de caprinos podem possuir alguns ovinos. A lã era apreciada para a produção das capas e pastores mantinham ovelhas em seus rebanhos caprinos por esse motivo. A tradição de ter ovelhas perdura em alguns rebanhos caprinos, embora a produção de capas de lã tenha praticamente se perdido.

Os rebanhos ovinos e caprinos são acompanhados de cães. A principal raça canina autóctone local é o Cão Serra da Estrela. Ele é um cão de grande porte que pode apresentar pelo liso ou comprido de cor amarela, fulva ou cinzenta. A prática da transumância constituiu um elemento fundamental no processo evolutivo e seletivo da raça voltada para a proteção do gado.

O planalto superior da Serra da Estrela também abriga bovinos durante o período do verão. Originários principalmente de Unhais da Serra (Covilhã) e de Loriga (Seia), os rebanhos de vacas deambulam soltos pela serra, não obstante os limites de baldios e distribuição espontânea entre pastores das zonas de pastagens de verão. Conflitos surgem ocasionalmente com os proprietários desses bovinos, pois os dejetos contaminam pastagens e redes de água utilizadas pelos pastores transumantes.

A COMUNIDADE TRANSUMANTE

A comunidade transumante é composta de pastores e seus núcleos familiares. Pastores são os guardadores de rebanhos. Eles são responsáveis pelo cuidado e o manejo dos animais, assim como pela gestão das pastagens. Desenvolvem para isso um saber-fazer transversal que mistura competências zootécnicas, veterinárias, da biologia e da ecologia. Hoje, os pastores transumantes da Serra da Estrela são também criadores, ou seja, proprietários de seus rebanhos.

Os pastores transumantes são principalmente homens; menos de cinco mulheres pastoras praticam a transumância com alguma regularidade na Serra da Estrela. Os homens estão tradicionalmente afetos ao cuidado dos rebanhos nas serras de Portugal. As mulheres, contudo, desempenham um papel crucial na continuidade da prática da transumância. Elas são responsáveis por cuidar dos filhos e manter em funcionamento a exploração familiar durante o período de ausência dos maridos. Hortas, animais estabulados, como porcos e galinhas, terrenos e casas exigem um cuidado permanente. Mulheres também cuidam do fabrico do queijo doméstico artesanal quando é o caso. Pais, filhos, empregados e aprendizes completam a comunidade.

Os pastores transumantes se dedicam à atividade pastoril ao longo do ano. A maioria descende de famílias pastoris que praticavam a transumância. Uns continuaram a prática através da transmissão dos pais ou avós no seio da família, outros retomaram-na depois de algumas gerações de abandono. Poucos pastores transumantes de hoje não possuem uma ligação familiar direta com a transumância. Estes tendem a ser emigrantes retornados ou pessoas que deixaram outras profissões, como o trabalho nas obras, mas todos são oriundos da região e cresceram no mundo rural em contacto com os animais. Embora a comunidade pastoril seja envelhecida, a faixa etária média dos pastores transumantes se situa entre 40 e 60 anos pois a permanência na serra exige saúde e condição física.

Os pastores transumantes residem essencialmente em Seia, Gouveia, Covilhã ou Manteigas. Seia é o principal foco; há uns sete grupos transumantes ativos que reúnem aproximadamente 20 pastores para quase quatro mil animais. Alguns pastores individuais também praticam a transumância ocasionalmente.

Grupos transumantes são constituídos por pastores que agregam seus rebanhos individuais para a transumância. Um dos pastores exerce a função de agregador com a responsabilidade de gerenciar o rebanho coletivo. A função é delegada àquele que possui mais prática e experiência da serra, o maior rebanho ou que simplesmente se voluntaria. Não há princípios pré-estabelecidos ou práticas costumeiras; os grupos são formados e regidos por arranjos informais flexíveis. A confiança representa o cimento social do grupo e por isso os grupos transumantes são estabelecidos a partir de laços familiares e relações de amizade fortes. Familiares, amigos, empregados e aprendizes contribuem para o desempenho do grupo ao aportarem seu contributo aos diferentes momentos da transumância, como as romarias, subida, permanência na serra e descida.

Em Gouveia, há dois grupos ativos que reúnem cerca de seis pastores e mais de mil animais, e alguns pastores que praticam a transumância ocasionalmente a depender da situação das pastagens em baixa altitude. Na Covilhã, encontramos três grupos pertencentes ao agrupamento dos baldios de Cortes do Meio, Erada e Verdelhos, que reúnem cerca de seis pastores para 300 animais, e alguns pastores individuais em Unhais da Serra e Vila do Carvalho. Em Manteigas, por fim, há uma família que ainda pratica uma transumância de inverno e alguns pastores dos baldios de Santa Maria que ocasionalmente deslocam seus

rebanhos às Penhas Douradas no verão. É importante destacar a presença de um rebanho de Oliveira do Hospital que pratica a transumância associado a um grupo de Seia. A transumância pode envolver assim uns 30 a 50 pastores anualmente, para além de familiares, amigos, empregados e aprendizes.

A TRANSUMÂNCIA: UM RITUAL DE PURIFICAÇÃO E REGENERAÇÃO

A prática contemporânea da transumância na Serra da Estrela é essencialmente um ritual de purificação e regeneração. A transumância era historicamente uma resposta racional à escassez de pasto. O elevado número de rebanhos e as condições climáticas, marcadas por invernos e verões rigorosos, obrigavam pastores a se deslocarem à procura de alimento para seus animais. As alterações climáticas e o despovoamento rural criaram uma maior abundância de pastagens.

Os pastores, contudo, entendem que a transumância é benéfica para seus animais. Ela permite desfrutar de temperaturas mais amenas, pastagens mais frescas, uma água mais pura e um ar limpo de moscas e pó. Os animais também passam mais tempo em liberdade, pois dormem ao ar livre. O resto do ano, as noites são passadas nos estábulos. Esse contexto serrano contribui para o bem-estar e a nutrição animal; ele representa um ritual cíclico de purificação.

A relação entre o pastor e seus animais é de profundo afeto e respeito mútuo. A transumância é economicamente e socialmente custosa. A serra não possui as condições necessárias de ordenha e cuidado do leite (armazenamento e transporte) e muitos pastores abdicam da produção de leite, seu principal sustento económico. A transumância é realizada apenas com animais “alfeiros”, ou seja, secos, em vez dos “alavões”, que estão a dar leite. Ela também implica o distanciamento com a família e o conforto da casa. Esses constrangimentos são superados para assegurar a passagem dos animais pelo ritual de purificação da transumância; a amizade e o apreço pelos animais prevalecem.

Além dos benefícios para os animais, a transumância traz benefícios para as terras baixas que são deixadas para descanso e lavragem, enquanto os rebanhos estão na serra. Isso permite que a vegetação se regenere e as terras sejam preservadas. A transumância é assim um ritual de regeneração dos solos.

A TRANSUMÂNCIA DE INVERNO EM MANTEIGAS

A transumância de inverno é praticada por uma última família de Manteigas. Ela é tecnicamente uma *transterminância*, como a transumância de verão, mas opera em sentido contrário. A residência principal da família situa-se no Covão da Ponte (Manteigas), cerca dos Casais de Folgoso (Gouveia), a mil metros de altitude. A família passa os meses de inverno, de dezembro a abril, no Vale da Amoreira, a 500 metros de altitude, pois o frio no Covão da Ponte é rigoroso. O percurso de transumância é de aproximadamente 20 quilómetros realizados em algumas horas.

7.3. Manifestações associadas:

CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS TRADICIONAIS

Conhecimentos ecológicos tradicionais são necessários para garantir uma transumância efetiva, sustentável e segura para os pastores e seus animais. Eles estão relacionados com o conhecimento dos ciclos naturais da Serra da Estrela, como clima, vegetação, fauna e água. Esses conhecimentos são transmitidos oralmente ao longo das gerações e contribuem para o esforço atual de catalogação, sistematização e conservação das plantas aromáticas e medicinais locais, como a argençana-dos-pastores que possui propriedades antidiabética, digestiva, vermífuga, laxante, emenagoga e tónica.

FABRICO DE CAJADOS

O fabrico de cajados pertence às artes e ofícios pastoris. Os cajados são peças de madeira talhadas pelos pastores. O cajado tem a função de guiar os animais do rebanho. Ele também serve de apoio à caminhada e equilíbrio em terrenos mais irregulares, como durante a transumância. A escolha e o trabalho da madeira requerem conhecimento e técnica. As madeiras são cortadas diretamente nas árvores e depois aquecidas ao lume ou ao forno para retirar a casca e desenvergar. O freixo, o marmelo e o carvalho são as principais madeiras utilizadas para o fabrico dos cajados na Serra da Estrela; cada uma confere atributos únicos. Os cajados de marmelo são os mais resistentes, mas tendem a envergar muito quando está húmido. Os de freixo são apreciados pela sua beleza, mas tendem a romper-se com mais facilidade. Os de carvalho aquecem mais em momentos de frio devido à fricção da mão nos vincos naturais da madeira. Alguns cajados são também ornamentados com figuras entalhadas; reflexo da expressão artística individual. Cada pastor desenvolve sua técnica, traçado e representações próprias de acordo com a inspiração e olhar sobre a natureza.

FABRICO DE CHAVELHAS

O fabrico das chavelhas pertence às artes e ofícios pastoris. As chavelhas são peças de madeira talhadas e decoradas pelos pastores. Elas unem a correia dos chocalhos para fixá-la ao pescoço dos animais. Durante a transumância, as chavelhas ajudam a distinguir os animais nos rebanhos coletivos com ornamentações próprias para cada proprietário.

FABRICO DO QUEIJO

O queijo na Serra da Estrela é elaborado a partir de leite cru coagulado pela flor de cardo. Tradicionalmente, ele é um queijo de mistura, composto de dois terços de leite ovino e um terço de leite caprino. O fabrico do queijo doméstico artesanal tende ainda a seguir essa receita. O fabrico comercial evoluiu para um queijo unicamente à base de leite ovelha vendido pelos pastores às queijarias. O produto final pode ser certificado DOP (denominação de origem protegida) e comercializado sob a designação Queijo Serra da Estrela DOP. Ele é o

único em Portugal, junto com o Queijo Terrincho DOP, a estar associado a uma raça leiteira específica: a Bordaleira Serra da Estrela e a Churra Mondegueira, duas raças autóctones da Serra da Estrela.

O Queijo Serra da Estrela DOP é afinado durante 30 dias. Existe também o Queijo Serra da Estrela Velho DOP, afinado durante 120 dias, e o Requeijão Serra da Estrela DOP, elaborado a partir do soro do leite. A textura amanteigada deriva historicamente do fabrico na serra cujo frio noturno da altitude impedia o enrijecimento do queijo. Hoje, a textura é obtida através da utilização de geladeiras no processo de elaboração.

O fabrico do queijo na Serra da Estrela segue o ciclo de reprodução das ovelhas. As parições ocorriam tradicionalmente na Santa Eufémia, em setembro. A ordenha começava em outubro, após o desmame dos primeiros borregos, e terminava em maio, antes da transumância de verão. O queijo de maio (ou das maias), aliás, era um queijo de menor qualidade devido ao calor e à secura das pastagens. Ele era curado para consumo da família. O queijo de maio ganhou notoriedade e está a se valorizar por ser um produto diferenciado no mercado. O ciclo da produção leiteira é conhecido como Alavão e se conclui com a organização das feiras do queijo.

LANIFÍCIOS

Os lanifícios da Serra da Estrela estão associados à transumância. A confluência histórica de rebanhos ovinos de Portugal e Castela resultava em abundância de lã, durante os verões na região, que impulsionou o lanifício artesanal e fabril. A Covilhã, por exemplo, possuía inúmeras manufaturas de lã que a transformou em polo lanígero de Portugal após a Resolução Régia de 1764. O território da Serra da Estrela era muito propício para essa especialização; havia muitos cursos de água, necessários para a lavagem da lã e como força motriz do maquinário requerido para os lanifícios, e muitos ovinos. O território se estruturou como o casamento entre a fábrica e a montanha, entre a lã e a neve. As freguesias limítrofes de Santa Maria e de São Pedro em Manteigas ilustram essa união. A primeira era uma terra histórica de pastorícia e reunia muitos rebanhos de ovelha em seus baldios serranos. A segunda reunia os lanifícios devido à presença de inúmeros córregos e do rio Zêzere. Muitas vilas e cidades da Serra da Estrela ainda carregam as marcas desse casamento na toponímia dos espaços públicos, nas edificações abandonadas ou reconvertidas e nas histórias de família de seus habitantes.

Os dois produtos mais emblemáticos do lanifício da Serra da Estrela talvez sejam o burel e a camisola poveira. O primeiro é uma capa de lã, de acabamento rústico e cor ruça, utilizada pelos pastores da Serra da Estrela para se proteger das intempéries. O segundo é uma camisola de lã branca grossa, oriunda da Serra da Estrela, bordada e decorada a ponto cruz. Ela é reconhecida como património cultural imaterial de Póvoa de Varzim.

PRÁTICA DO PASTOREIO DE PERCURSO

O pastoreio de percurso é a forma tradicional de manejo de ovelhas e cabras nas serras de Portugal. É um sistema de alimentação itinerante no qual o trajeto é definido pelo pastor em função do tempo e do pasto. Pastores traçam os percursos quotidianos de pastoreio, selecionam as zonas de pasto e manobram o apetite dos animais com o intuito de assegurar uma gestão rigorosa das pastagens e garantir a sustentabilidade das paisagens de montanha. O pastoreio de percurso é a principal prática de aproveitamento das pastagens durante a transumância de verão na Serra da Estrela.

PRÁTICA DOS BALDIOS

Os baldios constituem uma prática social de propriedade, gestão e uso comunitário da terra. Essa prática é herdeira do comunitarismo agro-pastoril celta e germânico e supria as necessidades de subsistência das comunidades serranas. Ela era provedora de segurança alimentar e bem-estar social. Hoje em desuso na Serra da Estrela, os baldios continuam sendo vitais para a continuidade da transumância de verão. Eles oferecem as terras estivais de pastagem aos rebanhos que sobem a serra. Antigamente, os pastores das outras freguesias tinham de pagar o compáscuo para aceder aos baldios. O despovoamento e diminuição da competição pela terra abrandaram as exigências pecuniárias para os direitos de pastagens. Muitas vezes os baldios consideram proveitosa a permanência desses rebanhos transumantes, pois eles contribuem para a gestão da paisagem.

8. Contexto de transmissão

8.1. Estado: Ativo

8.2. Descrição:

A prática da transumância é transmitida de geração em geração no contexto comunitário na Serra da Estrela. O processo é primeiramente oral através de mecanismos de socialização e de aprender-fazendo.

A maioria dos pastores transumantes contemporâneos pratica a transumância desde a infância no quadro de suas famílias. Eles acompanhavam pais ou avós em seus deslocamentos sazonais para as pastagens de verão ou as de inverno, no caso dos pastores mais idosos. O momento oferecia a oportunidade de observar, mimicar e experienciar com o intuito de assimilar os valores e conhecimentos relacionados com a transumância.

A prática da transumância requer um leque sofisticado de conhecimentos. Pastores têm de guiar rebanhos por longas distâncias em ambientes não controlados e permanecer por semanas na serra com os animais. Há a necessidade de conhecer os caminhos, ter leitura do comportamento animal e saber prestar primeiros cuidados médicos e veterinários, entender a meteorologia local para antecipar situações de perigo, como nevoeiros e tempestades, e saber gerenciar as pastagens para garantir sua sustentabilidade.

Esses conhecimentos são basilares e transversais à atividade pastoril e podem ser adquiridos no quadro da prática do pastoreio de percurso. Assim, há casos de pastores transumantes que não beneficiaram de uma aprendizagem vertical da transumância no seio de suas famílias. Eles iniciaram a atividade posteriormente através de mecanismos de influência social e reforço mútuo. A transumância era praticada por amigos ou outros membros da comunidade e o movimento de grupo despertou o desejo, a “ilusão”. O gosto pela transumância e pelos animais é o principal motor de continuidade da prática.

O declínio da pastorícia está a afetar a transmissão da transumância. A maioria dos jovens da comunidade estão a afastar-se das atividades agropastoris devido à baixa rentabilidade, o comprometimento requerido e a estigma social. O processo de transmissão vertical desde a infância está a falhar e o gosto e os conhecimentos estão a perder-se.

Alternativas formais de transmissão podem em parte contrabalançar essa dinâmica. Escolas agrícolas podem assegurar a capacitação dos jovens através de processos de formação que cobrem os conhecimentos basilares da atividade pastoril. A principal escola agrícola da região, a Escola Profissional Agrícola Quinta da Lageosa foi criada em 1958. Ela acolhe 70 alunos de ensino secundário, em regime misto de internato e externato. A experiência pedagógica é voltada para o ensino prático no espaço de 320 hectares agrícola e rural da Quinta. A “criação e tratamento de gados” é parte curricular desde a criação da Escola, enquanto a pecuária é a especialização mais popular entre os alunos que podem praticar in vivo com o rebanho de ovelhas da escola. Ao fim do curso, metade dos alunos se dirige a atividades agrícolas ou pecuárias (o acompanhamento dos formados não é suficientemente preciso). O restante segue para outras profissões. O custo de entrada nas atividades agrícolas e pecuárias é alto com a necessidade de comprar terras ou rebanhos para aqueles que não descendem de famílias agro-pastoris.

O ensino formal para os formados que optam pela pecuária é normalmente completado por uma experiência de estágio com pastores. O ensino formal muitas vezes não propicia as habilidades práticas necessárias para a profissão em termos de manejo dos animais, gestão das pastagens e produção leiteira. Essa experiência de estágio às vezes se prolonga em uma relação de mestre e aprendiz de vários meses, na qual os valores e conhecimentos relacionados com a transumância são especificamente transmitidos.

8.3. Modo(s): Oral

8.4. Agente(s): Pastores transumantes

8.5. Idioma: português

9. Origem/historial:

A história da transumância da Serra da Estrela é permeada por uma profunda interligação entre as pessoas, os animais e o ambiente, que moldou a paisagem e a cultura da região ao

longo do tempo. Rege o folclore que a Serra da Estrela teria sido batizada por um pastor do vale do Mondego. Ele passava suas noites a contemplar uma estrela de brilho intenso a iluminar o alto de uma serra próxima até decidir ir ao seu encontro. Ao chegar ao topo da serra, depois de dias de caminhada, ele deu-lhe o nome de Serra da Estrela por estar impressionado com a luminosidade cintilante que ali havia.

Esse conto popular encontra respaldo nos estudos arqueológicos da região. Monumentos fúnebres megalíticos são encontrados na bacia do Mondego. Estima-se que foram construídos durante a transumância de inverno das comunidades pastoris do Neolítico. A orientação astronómica de suas entradas está tendencialmente alinhada em direção às estrelas vermelhas de Aldebarã e Betelgeuse; elas eram visíveis acima do horizonte da Serra da Estrela no equinócio de primavera do céu da época. O aparecimento dessas duas estrelas anunciava a chegada do bom tempo e teria funcionado como uma espécie de proto calendário da transumância, indicando o momento da preparação dos rebanhos para a subida da serra. A datação de pólen fóssil nos estratos geológicos das turfeiras da Serra da Estrela confirma a presença do pastoreio entre os 1400 e 1800 metros de altitude aquando do Neolítico.

A transumância é uma prática milenar na Serra da Estrela. Ela é uma resposta à variabilidade climática e da paisagem para assegurar o bem-estar e a segurança alimentar das comunidades pastoris locais. A altitude elevada da Serra da Estrela obrigava as pessoas e seus rebanhos de pequenos ruminantes a partir durante os invernos. Os solos congelavam, os pastos ficavam cobertos de neve e as baixas temperaturas constituíam uma ameaça à sobrevivência. A transumância dirigia-se então às terras baixas dos vales e campinas à procura de pasto fresco e um tempo mais ameno.

Esse movimento pendular hibernal é conhecido como invernada. A partir de finais de outubro e início de novembro, pastores e rebanhos da Serra da Estrela deslocavam-se para as terras quentes ao norte, oeste ou sul, em percursos que podiam atingir centenas de quilómetros. Os principais destinos, consolidados ao longo dos milénios, foram o vale do Douro, os campos do Baixo Mondego, as campinas de Idanha e as planuras de Campo de Ourique, embora há também registos de rebanhos que chegavam até ao Marão, ao Pinhão, ao Tua e a Santarém. O retorno à Serra da Estrela acontecia na primavera.

PRINCIPAIS PERCURSOS DAS INVERNADAS

DOURO (4 percursos):

- Percurso 1 | Aldeia da Serra – Cativelos (Gouveia) – Ponte Palha – Penalva do Castelo – Castro Daire – Lamego – Régua.
- Percurso 2 | Sabugueiro – Contenças (Mangualde) – Freixiosa – Penalva do Castelo – Satão – Segões – Moimenta da Beira – Salzedas – Tões – Régua.

- Percurso 3 | Casais de Folgosinho – Folgosinho – Freixo da Serra – Carrapichana – Juncais – Figueiró da Granja – Macieira – Queiriz – Guilherme – Beselga – Paredes da Beira – Espinhosa – Castanheiro – Valença do Douro – Pinhão.
- Percurso 4 | Videmonte – Prados – Forno Telheiro – Fiães – Trancoso – Guilherme – Paredes da Beira – Castanheiro – Valença do Douro – Pinhão.

BAIXO MONDEGO (2 percursos):

- Percurso 1 | Aldeias – Santa Marinha – São Tiago – Meruge – Oliveira do Hospital – Venda do Porco – Ponte de Mucela – Serra de S. Pedro Dias – Vila Nova de Poiares – Senhora do Carvalho – Coimbra – St^o António dos Olivais – S. João do Campo – Tentúgal – Campos da Figueira da Foz.
- Percurso 2 | Sabugueiro – São Romão – Meruge – Bobadela – Covas – Moita da Serra – São Martinho da Cortiça – Ponte de Mucela – Serra de S. Pedro Dias – Vila Nova de Poiares – Coimbra – St^o António dos Olivais – S. João do Campo – Tentúgal – Campos da Figueira da Foz.

CAMPINAS DE IDANHA (5 percursos)

- Percurso 1 | Manteigas – Verdelhos – Alto de São João – Atalaias – Nossa Senhora do Carmo – Caria – Peraboa – Capinha – Penamacor – Idanha-a-Nova – Zebreira ou Rosmaninhal.
- Percurso 2 | Fernão Joanes – Valhelhas – Aldeia do Mato – Belmonte – Caria – Peraboa – Capinha – Pedrogão de S. Pedro – Proença-a-Velha – Idanha-a-Nova – Zebreira ou Rosmaninhal.
- Percurso 3 | Sabugueiro – Valezim – Loriga – Alvoco da Serra – Unhais da Serra – Tortosendo – Fundão – Vale de Prazeres – Orca – S. Miguel de Acha – Oledo – Idanha-a-Nova – Salvaterra do Extremo, Segura, Zebreira, Malpica, Monforte, Rosmaninhal, ou Castelo Branco.
- Percurso 4 | Manteigas – Covilhã – Ponte Pedrinha – Fundão – Vale de Prazeres – Orca – S. Miguel de Acha – Oledo – Idanha-a-Nova – Zebreira ou Rosmaninhal.
- Percurso 5 | Videmonte – Valhelhas – Belmonte – Capinha – Pedrogão – Proença-a-Velha – Idanha-a-Nova – Segura, Zebreira, Rosmaninhal ou Monforte.

CAMPO DE OURIQUE (1 Percurso)

- Percurso | Sabugueiro – Manteigas – Covilhã – Fundão – Alpedrinha – Castelo Branco – Vila Velha de Rodão – Nisa – Alpalhão – Crato – Alter do Chão – Fronteira – Sousel – Évora – Beja – Castro Verde.

Os principais pontos de partida das invernadas da Serra da Estrela eram assim as localidades de Aldeia da Serra (Seia), Aldeias (Gouveia), Casais de Folgosinho (Gouveia), Fernão Joanes

(Guarda), Manteigas, Sabugueiro (Seia) e Videmonte (Guarda). Essas localidades acolhiam as maiores comunidades pastoris e se posicionavam como centro de agrupamento dos demais rebanhos vizinhos. Outros pastores se juntavam ao percurso, principalmente nas localidades serranas de Loriga, São Romão e Valezim, em Seia, Cortes do Meio, Unhais da Serra e Verdelhos, na Covilhã. Os destinos privilegiados eram determinados pela orientação das encostas e disponibilidade de caminhos.

A transumância ocorria também no período estival na Serra da Estrela. Ela concernia as comunidades pastoris serranas e as do sopé de serra, ambas confrontadas com a escassez de pasto do verão. A maioria das terras estava cultivada, com acesso interdito ao gado, e as poucas pastagens disponíveis encontravam-se secas devido às altas temperaturas e falta de chuva. Pastores e rebanhos dirigiam-se então às terras mais altas, à procura de pasto fresco e longe das sementeiras; as terras acima de 1500 metros são pouco propícias à agricultura.

Essa transumância de verão era de curta distância, tecnicamente definida como *transterminância*. Ela era pautada pelo calendário religioso e ocorria do São João, em junho, ao São Miguel, em setembro. O calendário religioso marcava eventos como festas e celebrações que coincidiam com os ciclos agrícolas, incluindo a época de semear, colher e mover o gado para pastagens sazonais. No São João, pastores e rebanhos davam tradicionalmente três voltas às capelas antes de subir a serra, num ritual de bênção e proteção. O São Miguel marcava o fim das segadas; as terras agrícolas estavam novamente à disposição do pastoreio. O seguimento desse calendário representava uma forma de regulação das pastagens de altitude e acesso às terras agrícolas para evitar conflitos.

Alguns rebanhos do sopé de serra, contudo, preferiam rumar para a Serra de Montemuro. Diziam que Montemuro é o que havia de melhor no mundo depois do céu. O principal contingente era formado pelos pastores e rebanhos de Oliveira do Hospital.

Os rebanhos serranos e os do sopé de serra dividiam as pastagens de altitude da Serra da Estrela com rebanhos de proveniência mais longínqua: Alentejo, serras algarvias e especialmente da Mesta de Castela. Esta última era uma poderosa associação de pastores transumantes estabelecida no século XIII. Rebanhos de Sória e Segóvia costumavam rumar para a Serra da Estrela a partir do final do mês de maio. A prática é anterior à Nacionalidade, mas passou a ser fortemente regulamentada a partir das ordenações manuelinas, com registos obrigatórios dos rebanhos por Alcaldes das Sacas dos Gados à entrada do território. O registo permitia fiscalizar a presença de Castelhanos em Portugal e impedir a saída de rebanhos portugueses. O gado era um bem vetado à exportação para evitar fortalecer os inimigos de Castela e das terras mouras. O desrespeito dessa regulamentação implicava penas de prisão e confisco dos rebanhos.

A transumância de inverno e a de verão eram possibilitadas por uma rede de vias pecuárias: as canadas. Este é o sistema de comunicação mais antigo entre os povos da Península Ibérica, herdeiro das antigas estradas romanas. Regidas pelo direito consuetudinário, as

canadas eram caminhos públicos de livre acesso. Muros de pedras demarcavam os itinerários para proteger as parcelas privadas vetadas ao gado.

Proprietários costumavam reunir os seus rebanhos individuais para formar rebanhos coletivos que ficavam a cargo de maiorais. Pastor-chefe, o maioral era responsável por assegurar com antecedência as pastagens nas regiões de destino, através de arrendamentos e negociações, organizar a junção dos rebanhos individuais, conduzir o rebanho coletivo pelas canadas e cuidá-los durante o período da transumância. O maioral contava com o apoio de zagais, pastores que cumpriam a função de assistentes.

A remuneração do maioral e dos zagais não era monetária. Eles eram retribuídos em fato ou meio-fato, a depender da dimensão do rebanho e da transumância efetuada. Pastores eram trabalhadores rurais despossuídos da propriedade de rebanhos. O fato correspondia às calças, ao colete e à camisa. O meio-fato incluía apenas essas duas últimas peças. A capa e as botas pertenciam ao proprietário do rebanho. A capa é conhecida como burel, uma manta de lã de acabamento rústico e cor ruça. Alguns proprietários podiam ocasionalmente ceder ao pastor alguns animais do rebanho, o que contribuiu para a emancipação económica dos pastores, permitindo-lhes formar seus próprios rebanhos ao longo do tempo.

A transumância contribuiu para a promoção do intercâmbio cultural entre territórios. Os pastores transumantes constituíam o principal meio de comunicação com o exterior para povoações isoladas da Serra da Estrela que viviam em regime de quase autarcia. As aldeias eram geralmente autossuficientes, as estradas pouco trafegáveis e o contato com o exterior limitado. Os pastores transumantes abriam a porta para um mundo desconhecido com suas histórias e vivências sobre outros lugares. Ocasionalmente, eles traziam lembranças de suas andanças. Assim, o sobreiro mais em altitude em Portugal encontra-se no Sabugueiro. Ele foi trazido do Alentejo por um pastor transumante e plantado a 1500 metros de altitude como recordação e estatuto social.

Territórios situados pelos caminhos da transumância também foram beneficiados. A pastorícia da Serra de Montemuro, por exemplo, se desenvolveu a partir do intercâmbio com os pastores da Serra da Estrela. A pastorícia local era rudimentar e os pastores transumantes trouxeram abordagens mais produtivas da atividade. Eles contribuíram ao aumento dos rebanhos de pequenos ruminantes, à adoção da raça de ovino Bordaleira Serra da Estrela e à prática do fabrico do queijo para o sustento das famílias pastoris.

O fabrico do queijo na Serra da Estrela tem a particularidade de usar o cardo para a coagulação do leite em vez da quimosina, enzima presente em estômagos de cordeiros e cabritos. O cardo é uma planta perene com folhas espinhosas e flores roxas que cresce principalmente em regiões mediterrâneas. A técnica de utilização do cardo para o fabrico do queijo disseminou-se pelo Mediterrâneo através da expansão do Império Romano e das trocas comerciais e culturais ao longo das rotas de transumância do sul da Europa. A transumância da Serra da Estrela foi a responsável pela sua divulgação em Portugal. Os

queijos de Azeitão, Nisa e Serpa, por exemplo, são herdeiros do queijo da Serra da Estrela cujo fabrico foi partilhado pelos pastores serranos transumantes.

A transumância da Serra da Estrela entrou em declínio a partir do final do século XIX. A grande rota da Serra da Estrela ao Campo de Ourique foi a primeira a extinguir-se. Ela era bastante exigente para os pastores e animais pois durava mais de dez dias num percurso de aproximadamente 400 quilómetros. A viagem seria vantajosa unicamente se fosse efetuada por rebanhos de milhares de animais. A última viagem teria acontecido em 1910.

A continuidade da prática via-se ameaçada pelo acesso à rede de canadas e pela política de florestação que prejudicou a atividade pastoril serrana. As canadas portuguesas nunca beneficiaram de um sistema de proteção jurídica como em Espanha. A manutenção e acesso às “cañadas reales” espanholas são regulados desde 1273 pelo édito real de Afonso X o Sábio. As canadas portuguesas foram afetadas pelo avanço da urbanização, a construção de infraestruturas, como estradas, e a privatização e cercamento das terras após a Revolução Industrial. O processo de deterioração da acessibilidade das canadas acelerou-se na entrada do século XX.

A política de florestação privou as comunidades serranas de acesso às canadas e terras de pastagens. Ela submeteu os baldios serranos ao plantio de árvores com acesso interdito ao gado. Os baldios formavam o alicerce dos sistemas agropastoris tradicionais; eles forneciam pastagens para animais, estrume para adubo, madeira para construção e combustível, pedras para construção, água e parcelas cultiváveis para o centeio. A florestação dos baldios desestruturou todo o sistema de subsistência serrano e fomentou o abandono da atividade pastoril e o êxodo rural.

A florestação na Serra da Estrela teve início em Manteigas. O Perímetro Florestal de Manteigas foi instituído em 1888 a pedido das autoridades locais. A erosão era forte nas encostas que ladeavam o vale do rio Zêzere, à proximidade da vila, e as enxurradas causavam desastres humanos e materiais. Os baldios municipais de Concelho de Manteigas foram então cedidos ao Estado para serem arborizados com o intuito de recuperação dos solos. O Perímetro Florestal de Manteigas foi o primeiro constituído em Portugal junto com o do Gerês.

A florestação na Serra da Estrela conheceu uma segunda fase de expansão durante o Estado Novo. A valorização económica da indústria madeireira reforça a atratividade do plantio de florestas e a florestação dos baldios torna-se uma forma de integrar as terras comunitárias à economia de mercado. Em 1935, os Serviços Florestais realizam um recenseamento de 420 mil hectares de baldios propostos à florestação que é registado na Memória sobre o Reconhecimento dos Baldios ao Norte do Tejo. Em 1938, o Estado Novo promulga a Lei do Povoamento Florestal; todos os baldios oficialmente reconhecidos pelos serviços do

Ministério da Agricultura como os mais adequados passam a ser propriedade dos Serviços Florestais para florestação.

Entre as décadas de 1930 e de 1960, todos os baldios com potencial florestal a norte do Tejo são progressivamente apropriados pelo governo e transformados em florestas de produção pela Junta de Colonização Interna, órgão do Ministério da Agricultura criado para este fim. Os baldios da Serra da Estrela não foram poupados e viram-se submetidos ao plantio dos pinheiros.

A mudança do cenário político promovida pelo 25 de abril pôs em marcha um processo de desmanche das políticas do antigo regime que não deixou de beneficiar o mundo rural também. Os baldios antes confiscados foram devolvidos aos seus proprietários originais, a comunidade, através da Lei dos Baldios. As canadas foram imediatamente reabertas pelas autoridades locais, com o apoio das comunidades pastoris, e os baldios ocupados com cabras e ovelhas a pastar. Contudo, muitos pastores tinham já abandonado o rebanho e deixado a aldeia após a florestação. As atividades agropastoris não retomaram com o mesmo vigor.

A rota de Idanha-a-Nova foi a última remanescente da antiga transumância de inverno. Ela era ainda praticada por alguns pastores de Fernão Joanes, Manteigas e do Sabugueiro. Eles partiam juntos, em novembro, e permaneciam em Idanha-a-Nova em turnos alternados de seis semanas até abril. O queijo era fabricado lá para ser vendido ou enviado de volta às famílias. O transporte era realizado com burros que levavam de dois a três dias para transportar o queijo em canastrões pelas canadas até à Serra da Estrela. A última viagem ocorreu na década de 1970.

A rota de Montemuro da transumância de verão persistiu uma década mais. Ela era organizada por um juntador de rebanhos de Viseu. Os animais seguiam da Serra da Estrela em camião até Viseu. Eles eram depois levados por um grupo de pastores numa caminhada de dois dias por canadas, florestas e terras até à Serra de Montemuro. O juntador de rebanhos deixou de organizá-la no final da década de 1980.

A *transterminância* para as terras em altitude definiu, mas não desapareceu. Pastores continuaram a subir com seus rebanhos para o planalto superior da Serra da Estrela. Contudo, os grupos de pastores transumantes diminuía a cada ano, conforme a comunidade envelhecia, e o tempo de estada estival na serra encurtava-se. Os pastos eram também mais abundantes ao pé das aldeias, devido ao abandono das atividades agrícolas e à diminuição do número de animais criados, o que tornava a transumância menos necessária.

Atividades de salvaguarda trouxeram um novo dinamismo à prática a partir do século XXI. Os municípios estão a implementar programas e iniciativas de incentivo à transumância para garantir a sua continuidade. A transumância é considerada a espinha dorsal do fabrico da paisagem e da identidade das comunidades da Serra da Estrela. Ela também contribui para a gestão ambiental do território. As atividades de salvaguarda ambicionam promover culturalmente e cientificamente a transumância, valorizar socialmente e apoiar

financeiramente os pastores transumantes, aumentar a rentabilidade dos produtos e criar sinergias com o mercado do turismo rural e ambiental.

II. Documentação:

10. Bibliografia:

Amaral, A.M. (1970). *Os pastores da Serra da Estrela. Etnografia, Foro, Privilégios, Transumância*. Viseu: Revista Beira Alta.

Barjona de Freitas, A. S. (1989). *Perímetro Florestal de Manteigas*. Lisboa: Direcção-Geral das Florestas.

Calado Pinheiro, E. (2008). *Rota da Lã Translana. Vol. I e II*. Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. ISBN 978-989-95085-3-8.

Carvalho, R. e Portela Marques, T. (2020). Paisagem cultural de transumância: a rota da Serra da Estrela para as campinas de Idanha. *CEM Cultura, Espaço & Memória: Revista do CITCEM*, 11: 24. doi 10.21747/2182109711/cema1.

Cavaco, C., e Marques, I. (1966). Os vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela - estudo de Geografia humana. *Finisterra*, 1(2). <https://doi.org/10.18055/Finis2546>.

Cerveira, T. (2018). Pagar a promessa: romaria dos rebanhos a São Geraldo. Documentário produzido por O Meio e a Gente. Disponível em <https://vimeo.com/425567052>.

Chambino, E. (2008). Pastores: guardiões de uma paisagem. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. ISBN 978-972-8285-44-9.

Confederação dos Agricultores de Portugal e Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária (2021). *Catálogo Oficial de Raças Autóctones Portuguesas*. Lisboa: Confederação dos Agricultores de Portugal e Direcção Geral de Alimentação e Veterinária. Disponível em: <https://gpcoz3.s.cld.pt/>

Costa, P. (2020). *Freguesia de Santa Maria de Manteigas*. Manteigas: Junta de Freguesia de Santa Maria.

David de Moraes, J.A. (1998). *A transumância de gados serranos e o Alentejo*. Évora: Câmara Municipal de Évora. ISBN 972-96965-8-6.

Dias, J. (1965). Aspectos da vida pastoril em Portugal. *Revista de Etnografia*, IV(2): 333-387.

- Gonçalves Dias, M. H. (2018). *A pastorícia na Serra da Estrela*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Jansen, J. (2002). *Geobotanical guide of the Serra da Estrela*. Lisboa: ICNF. ISBN 972-775-066-4.
- Lopes da Rosa, N. (2017). *Manteigas: no outro lado do tempo*. Lisboa: Chiado editora. ISBN 978-989-52-0906-4.
- Macedo, A. C. (1921). *A Covilhã Industrial, pitoresca e seus arredores*. Documentário (duração: 00:44:39). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZnwwfQsd3Tw&list=PLfhsDz1ACzDwEm90BM00twpodH6nHMZF7&index=2>
- Martinho, A.T. (2013). *O queijo Serra da Estrela e a transumância*. Seia: Câmara Municipal de Seia.
- Meireles, C. et al. (2006). *Guia de Habitats do Parque Natural da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.
- Miranda, A. (1944). *Serra da Estrela – Gouveia*. Documentário (Duração: 00:14:22). Disponível em <https://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2340&type=Video>
- Morgado, D.M.G (2013). *Pastoreio em Mantegias: transumância no passado e no presente*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Oliveira, A. e Silva, F. (1999). Transumância - uma forma de pastoreio em vias de extinção. *Millenium*, 13.
- Ribeiro, O. (1940-1941). Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela. *Revista da faculdade de Letras de Lisboa*, tomo VII.
- Rodrigues, A. (2004). *A transumância e Fernão Joanes – sonhos transumantes*. Guarda: Câmara Municipal de Guarda e Junta de Freguesia de Fernão Joanes. ISBN 972-8813-33-3.
- RTP 1 (2001). *A canção do Pastor: Dia-a-dia de Manuel Pinto, pastor na Serra da Estrela*. Reportagem produzida pela RTP 1. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cronica-a-cancao-do-pastor/>
- Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela (1919). *Paisagens da Serra da Estrela*. Documentário (Duração: 00:17.26). Disponível em <https://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2338&type=Video>

Sa Rego, J. (2023). *O criado do pastor: uma caminhada pelas serras do Norte*. Lisboa: Ed. Colibri. ISBN 978-989-566-277-7

Sales, F. Ed. (2011). *Plantas aromáticas e medicinais do Parque Natural da Serra da Estrela: guia etnobotânico*. Seia: CISE-Município de Seia. ISBN 9789729726170.

Silva, F. (2013). Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range. *Papers from the Institute of Archeology. University College London*, 22: 99-114. DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/pia.405>

Silvestre Vicente, M.G.A (2014). Transumância na Beira Interior em tempos medievos. *UBIMuseum-Revista Online do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior*: 103-114.

Tavares, A. O. (2015). *Rotas e Percursos da Serra da Estrela: Planalto Superior*. Seia: CISE-Município de Seia. ISBN 978-972-97261-9-4.

11. Fontes escritas: ver anexo II/4

12. Fontes orais:

13. Fotografia: ver anexo II/1

14. Filme: Anexo II/2

15. Som:

16. Outra documentação: ver anexo II/3 (Cartografia)

III. Direitos Associados

17. Tipo: Direito consuetudinário e direito formal

18. Detentor: As terras de pastagem são essencialmente baldias e os direitos compáscuos são detidos pelos compartes ou autoridades locais, a depender da forma de gestão dos baldios concernidos, tal como definido pela Lei dos Baldios (Lei n.º 75/2017, de 17 de agosto). As canadas e caminhos são de livre acesso, segundo o direito consuetudinário.

IV. Património Associado

19. Património Cultural

19.1. Móvel:

Abrigos móveis; Alforges; Burel; Cajados; Chavelhas e Chocalhos. Ver mais em Anexo II “1.2. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de património cultural móvel, imóvel ou imaterial”.

19.2. Imóvel:

Capela de São João Baptista (IPA.00012104); Capela da Nossa Senhora de Assedasse (IPA.00012517); Capela de Santo António (IPA.00015865); Capela de Santa Eufémia (IPA.00012511); Capela de Santo António (IPA.00035355). Ver mais em Anexo II “1.2. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de património cultural móvel, imóvel ou imaterial”.

19.3. Imaterial:

Conhecimentos ecológicos tradicionais; Fabrico de cajados; Fabrico de chavelhas; Fabrico dos chocalhos; Lanifícios; Fabrico do Queijo Serra da Estrela; Prática do pastoreio de percurso; Prática dos baldios; Romaria de ovelhas. Ver mais em Anexo II “1.2. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de património cultural móvel, imóvel ou imaterial”.

20. Património Natural:

Estrela Geopark Mundial da UNESCO. Ver mais em Anexo II “1.2. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com património natural”.